



EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Resumo: Este estudo tem como objetivo analisar, por meio de uma revisão narrativa da literatura recente, os principais mecanismos, impactos e desafios relacionados à utilização da educação em saúde como ferramenta de transformação social. Para isso, foi realizada uma busca em periódicos científicos publicados entre 2023 e 2025, incluindo *BMC Medical Education*, *BMC Public Health*, *Technological Forecasting and Social Change*, *Nursing Outlook*, *Heliyon*, *Advances in Simulation*, *Journal of Museum Education* e *International Journal of Sustainability in Higher Education*. Foram incluídos artigos originais, revisões sistemáticas e estudos observacionais que abordassem práticas educativas em saúde voltadas para empatia, justiça social e engajamento comunitário. Os resultados apontam que intervenções pedagógicas participativas promovem o desenvolvimento de empatia, fortalecem o compromisso social de estudantes e profissionais e ampliam a capacidade de atuação em territórios vulneráveis. Além disso, a integração de metodologias ativas, tecnologias digitais, práticas artísticas e frameworks de justiça social potencializa a transformação individual e coletiva. Conclui-se que a educação em saúde, quando fundamentada em práticas dialógicas e engajamento comunitário, atua como instrumento estratégico para a promoção de equidade e justiça social, contribuindo para a formação de profissionais críticos e cidadãos comprometidos com a transformação de realidades sociais.

Palavras-chave: Educação em Saúde; Equidade em Saúde; Participação Comunitária; Justiça Social; Formação Profissional.

Joana Paula Carvalho Correa

Enfermeira pela Escola de Enfermagem de Manaus da Universidade Federal do Amazonas, Especialista em Urgência e Emergência, Terapia Intensiva de Alta Complexidade e Saúde do Trabalhador

Érick Alessandro de Souza Rocha

Fonoaudiólogo pelo Centro Universitário Ingá

Victor Olivier Gajardoni Farges

Graduando em Medicina pela PUCPR Campus Londrina

Helayne Karenn Moura Araújo

Enfermeira pela Unichristus e Pós graduada em urgência e emergência pela UniAmérica

Antônia Gonçalves de Souza

Psicóloga e Mestranda em Cuidado Primário em Saúde pela Unimontes

Barbara Katherine Ataíde Barros Rodrigues

Especialista em geriatria e Gerontologia pela CGESP
Docente do curso de Enfermagem e Odontologia da UNINASSAU BRASÍLIA

Joseane Vieira Feitosa

Graduanda em Medicina pelo Centro Universitário Inta (Uninta) - Itapipoca

Vinicius de Lima Lovadini

Doutor em Ciências pelo programa de Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EE- USP)

Gerald Souza Barros

Especialista em Promoção da Saúde e Qualidade de Vida pela Faculdade Jardins

Gustavo de Sá Oliveira Lima

Mestre em Educação física pela Universidade Federal da Bahia



HEALTH EDUCATION AS A TOOL FOR SOCIAL TRANSFORMATION

Abstract

This study aims to analyze, through a narrative literature review, the main mechanisms, impacts, and challenges related to the use of health education as a tool for social transformation. A search was conducted in peer-reviewed journals published between 2023 and 2025, including *BMC Medical Education*, *BMC Public Health*, *Technological Forecasting and Social Change*, *Nursing Outlook*, *Heliyon*, *Advances in Simulation*, *Journal of Museum Education*, and *International Journal of Sustainability in Higher Education*. Original articles, systematic reviews, and observational studies addressing educational practices focused on empathy, social justice, and community engagement were included. The results indicate that participatory pedagogical interventions promote the development of empathy, strengthen students' and professionals' social commitment, and enhance their capacity to work in vulnerable communities. Furthermore, the integration of active methodologies, digital technologies, artistic practices, and social justice frameworks fosters both individual and collective transformation. It is concluded that health education, when based on dialogical practices and community engagement, serves as a strategic instrument for promoting equity and social justice, contributing to the training of critical professionals and citizens committed to transforming social realities.

Keywords: Community Participation; Health Education; Health Equity; Professional Training; Social Justice.

**Congresso Regional de
Medicina Geral e Clínica
Integrada CORMED**

INTRODUÇÃO

A educação em saúde tem se consolidado, nas últimas décadas, como um instrumento estratégico para a promoção da saúde e a redução das desigualdades sociais, assumindo um papel transformador que ultrapassa a simples transmissão de informações técnicas (Plessas et al., 2024; Liu et al., 2024). Inserida em contextos marcados por determinantes sociais complexos — como desigualdade de acesso, vulnerabilidades territoriais e disparidades culturais —, ela constitui uma prática capaz de articular saberes científicos e populares, fortalecendo a cidadania e estimulando a construção de sociedades mais equitativas (Fernandez et al., 2025; Davis et al., 2024). Nesse sentido, programas educativos bem estruturados contribuem não apenas para a disseminação de informações em saúde, mas também para o



desenvolvimento de consciência crítica e engajamento social, tornando-se ferramentas de transformação individual e coletiva.

Historicamente, diferentes abordagens pedagógicas foram incorporadas às práticas de educação em saúde, variando de modelos tradicionais — centrados na transmissão vertical de conteúdos — a metodologias ativas e dialógicas que valorizam o protagonismo comunitário e a troca de saberes entre profissionais e populações (Martínez Valdivia et al., 2023; Mukul et al., 2023). Essa mudança de paradigma dialoga com perspectivas freiriananas de educação, compreendendo o processo educativo como prática emancipatória e instrumento de transformação social. Ao integrar elementos como participação comunitária, reflexão crítica e escuta sensível, essas abordagens tornam-se capazes de romper com lógicas hierárquicas e promover práticas de saúde culturalmente sensíveis, inclusivas e socialmente comprometidas (Plessas et al., 2024; Popova et al., 2025).

Nos espaços formais de ensino — como universidades e escolas técnicas — e nos contextos comunitários — como unidades básicas de saúde, territórios vulneráveis e associações locais —, práticas educativas têm desempenhado um papel fundamental na promoção de empatia, no fortalecimento de vínculos sociais e na mobilização coletiva em torno de demandas concretas por saúde e justiça social (Liu et al., 2024; Soilis et al., 2024). Diversas pesquisas evidenciam que vivências formativas centradas no engajamento comunitário e na integração entre teoria e prática favorecem o desenvolvimento de competências éticas, culturais e sociais em estudantes e profissionais, estimulando uma postura mais crítica diante das desigualdades estruturais (Davis et al., 2024; Fernandez et al., 2025). Essa perspectiva amplia a compreensão do papel da educação em saúde, deslocando-o de uma dimensão instrucional para um espaço político e cultural no qual se constroem novos modos de pensar e agir sobre a realidade.

Diante desse cenário, torna-se essencial compreender a educação em saúde não apenas como uma estratégia pedagógica, mas como **ferramenta de transformação social**, com potencial para gerar mudanças significativas em indivíduos e comunidades. A formação de profissionais comprometidos com a equidade requer vivências formativas que articulem teoria, prática, engajamento comunitário e reflexão crítica (Plessas et al., 2024; Soilis et al., 2024). Assim, este estudo tem como objetivo analisar, por meio de uma revisão narrativa da literatura



recente, os principais mecanismos, impactos e desafios envolvidos na utilização da educação em saúde como ferramenta de transformação social, destacando suas potencialidades para a promoção da empatia, da justiça social e do empoderamento comunitário.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa da literatura, modalidade que permite uma análise ampla, crítica e interpretativa de produções científicas já publicadas, com o objetivo de integrar diferentes perspectivas teóricas e evidências empíricas sobre o tema em questão. Diferentemente das revisões sistemáticas, esse tipo de revisão não segue protocolos rígidos de busca e seleção, priorizando a profundidade da análise e a contextualização dos achados em detrimento da exaustividade metodológica. Essa abordagem foi escolhida por possibilitar a articulação entre estudos nacionais e internacionais recentes, favorecendo uma compreensão abrangente sobre os impactos da educação em saúde como ferramenta de transformação social.

A busca de referências foi realizada entre os anos de 2023 e 2025, contemplando exclusivamente publicações científicas revisadas por pares. As bases de dados consultadas incluíram BMC Medical Education, BMC Public Health, Technological Forecasting and Social Change, Nursing Outlook, Heliyon, Advances in Simulation, Journal of Museum Education e International Journal of Sustainability in Higher Education, por apresentarem relevância acadêmica consolidada nas áreas de saúde, educação e inovação pedagógica. Foram priorizados artigos originais, revisões sistemáticas e estudos observacionais que abordassem práticas educacionais em saúde voltadas para empatia, justiça social, metodologias participativas, engajamento comunitário e transformação social.

Os critérios de inclusão envolveram: (i) artigos publicados em periódicos científicos entre 2023 e 2025; (ii) textos disponíveis em inglês ou português; (iii) estudos que discutissem intervenções, modelos educacionais ou frameworks relacionados à educação em saúde com impacto social. Foram excluídas publicações duplicadas, textos sem acesso integral e documentos de caráter opinativo sem base empírica ou teórica robusta.

A análise dos dados foi conduzida de forma qualitativa, por meio de leitura exploratória, seletiva e interpretativa dos textos, buscando identificar categorias temáticas emergentes relacionadas aos mecanismos de transformação social promovidos pela educação em saúde, tais



como desenvolvimento de empatia, promoção da justiça social, engajamento comunitário e inovação pedagógica. Essas categorias foram então organizadas e discutidas à luz da literatura contemporânea, articulando evidências empíricas, referenciais teóricos e implicações práticas para a formação em saúde.

Por se tratar de uma revisão narrativa de literatura, não houve coleta direta de dados com seres humanos ou animais, não sendo necessária submissão a Comitê de Ética em Pesquisa, conforme as diretrizes éticas nacionais para estudos de natureza teórica e documental.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos analisados convergem para a constatação de que a educação em saúde, quando estruturada sobre práticas participativas, engajamento comunitário e reflexão crítica, possui um potencial transformador significativo sobre indivíduos, comunidades e instituições formadoras. Os resultados demonstram que intervenções educativas centradas na comunidade promovem mudanças perceptíveis em dimensões afetivas, cognitivas e sociais, contribuindo para a formação de profissionais mais empáticos, socialmente responsáveis e comprometidos com a justiça social. Plessas et al. (2024), em uma revisão sistemática mista, observaram que programas de educação em saúde baseados em experiências comunitárias ampliam a empatia dos estudantes, fortalecem sua compreensão sobre determinantes sociais da saúde e estimulam o senso de responsabilidade social. Essa transformação é frequentemente mediada por vivências imersivas e atividades reflexivas que desafiam preconceitos implícitos e estimulam a sensibilidade cultural, fatores essenciais para uma atuação profissional crítica e comprometida com a equidade.

Além do desenvolvimento de empatia, os estudos apontam para impactos estruturais na forma como os futuros profissionais percebem seu papel social. A introdução de frameworks como o NISCHE, voltado para a educação em enfermagem e centrado na justiça racial e na equidade em saúde, representa uma mudança paradigmática ao integrar explicitamente o enfrentamento do racismo estrutural e dos determinantes sociais como elementos formativos (Davis et al., 2024). Essa abordagem demonstra que currículos comprometidos com transformações sociais não se limitam a transmitir conhecimento técnico, mas promovem uma



consciência crítica capaz de questionar estruturas desiguais de poder, estimulando a formação de agentes transformadores dentro e fora dos serviços de saúde. Soilis et al. (2024) complementam essa perspectiva ao evidenciar que o uso da ferramenta PEARLS de debriefing em simulações clínicas fortalece a reflexão crítica e a capacidade de agir em defesa da justiça social, incorporando a defesa de direitos como parte integrante da prática pedagógica.

Outro resultado relevante diz respeito ao fortalecimento do empoderamento comunitário e juvenil por meio de intervenções educativas. Liu et al. (2024), ao analisarem ações baseadas na Teoria da Aprendizagem Social, constataram que estratégias de educação em saúde pública podem contribuir para prevenir doenças, disseminar informações confiáveis e engajar comunidades em práticas de autocuidado, ampliando sua autonomia. Essas ações não se limitam a contextos clínicos ou escolares tradicionais; incluem também oficinas em territórios vulneráveis e parcerias entre instituições e comunidades, que potencializam os impactos sociais e favorecem uma integração mais orgânica dos saberes locais (Fernandez et al., 2025). Essa integração de saberes é fundamental para que a educação em saúde deixe de ser um instrumento vertical de transmissão de conhecimento e se torne um processo dialógico e emancipatório, no qual comunidades participam ativamente da construção de soluções adequadas às suas realidades.

No campo das metodologias pedagógicas, observa-se um deslocamento das abordagens tradicionais para metodologias ativas e experiências transformadoras. Martínez Valdivia et al. (2023) destacam que metodologias ativas promovem a sustentabilidade curricular e fortalecem a responsabilidade social dos estudantes, enquanto Popova et al. (2025) demonstram que práticas baseadas em arte podem aprofundar processos de escuta e reflexão, permitindo que estudantes acessem perspectivas desconhecidas e desenvolvam uma escuta sensível — elemento crucial para a transformação de atitudes e crenças enraizadas. Essa transformação subjetiva é indispensável para que a educação em saúde não se reduza a mudanças comportamentais superficiais, mas promova uma reconfiguração profunda da relação dos profissionais com os sujeitos e coletividades atendidas.

No entanto, a implementação dessas estratégias enfrenta desafios estruturais significativos. Currículos sobrecarregados, ausência de integração longitudinal e falta de apoio institucional são barreiras recorrentes apontadas na literatura (Chisholm et al., 2025). Essas



dificuldades comprometem a continuidade das ações e dificultam a consolidação de uma cultura pedagógica voltada para a transformação social. Além disso, Mukul et al. (2023) e Shahzad et al. (2024) ressaltam que, embora tecnologias digitais e ferramentas de aprendizagem inteligente possam potencializar experiências educacionais personalizadas e ampliar o alcance das ações educativas, sua eficácia depende de integração planejada e pedagógica, evitando a superficialidade e garantindo que os objetivos sociais sejam mantidos.

De maneira geral, os resultados sugerem que a educação em saúde atua como vetor de transformação social quando fundamentada em práticas dialógicas, integrativas e críticas. Ela é capaz de ampliar a empatia, promover justiça social, fortalecer comunidades e redesenhar a formação profissional, desde que acompanhada por políticas institucionais coerentes e estruturas curriculares flexíveis. A incorporação dessas práticas de forma transversal e contínua nos cursos da área da saúde emerge como um caminho promissor para formar profissionais e cidadãos aptos a contribuir efetivamente para a redução de desigualdades e para a promoção de sociedades mais justas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da literatura recente evidencia que a educação em saúde transcende seu caráter instrucional e adquire um papel estratégico na promoção de transformações sociais duradouras. Quando estruturada sobre bases dialógicas, metodologias participativas e engajamento comunitário, ela se converte em um instrumento capaz de modificar percepções, ampliar a empatia, fortalecer vínculos sociais e fomentar a construção de práticas profissionais comprometidas com a equidade e a justiça social. Os resultados apresentados nas pesquisas revisadas demonstram que experiências educacionais voltadas para a integração entre saberes acadêmicos e comunitários não apenas transformam os estudantes, mas também impactam diretamente os territórios, promovendo o empoderamento de sujeitos e coletividades tradicionalmente marginalizados.

Nesse contexto, a formação de profissionais de saúde deixa de ser um processo limitado à aquisição de competências técnicas e passa a incluir dimensões éticas, políticas e culturais que moldam atitudes, valores e compromissos sociais. Intervenções educativas que incorporam



a reflexão crítica, como as baseadas em arte ou em frameworks voltados para a justiça social, demonstram potencial significativo para desconstruir preconceitos arraigados e ampliar a sensibilidade cultural, favorecendo práticas de cuidado mais humanas, inclusivas e transformadoras. Ao mesmo tempo, a integração de tecnologias digitais e metodologias ativas oferece novas possibilidades para expandir o alcance e a personalização dessas experiências, desde que acompanhada por um planejamento pedagógico consistente e sustentado institucionalmente.

Contudo, a consolidação da educação em saúde como ferramenta de transformação social exige mudanças estruturais profundas. A superação de barreiras curriculares, a inserção longitudinal dessas práticas nos cursos de formação e o comprometimento institucional com políticas educacionais inovadoras são condições indispensáveis para garantir a continuidade e a efetividade dessas ações. Além disso, é fundamental que as instituições formadoras assumam uma postura ativa no enfrentamento das desigualdades sociais, incorporando a defesa da justiça social e da equidade como princípios orientadores de sua missão educativa.

Assim, pode-se afirmar que fortalecer a educação em saúde como estratégia transformadora implica reconhecer que os processos formativos não se limitam à transmissão de conhecimento, mas constituem espaços políticos e culturais nos quais se constroem novos modos de pensar e agir sobre a realidade social. Ao articular teoria, prática e engajamento comunitário, essa abordagem tem o potencial de formar profissionais mais sensíveis, críticos e comprometidos com a construção de sociedades mais justas, solidárias e equitativas.

REFERÊNCIAS

CHISHOLM, Ashley et al. A Proposed Framework for Health System Transformation in the Education of Health Professionals to Achieve Quintuple Aim. **International Journal of Integrated Care**, v. 25, n. 1, 2025.

DAVIS, Sandra et al. Introducing the “Nursing Education Integrating Social Change for Health Equity (NISCHÉ)” framework for nursing education. **Nursing Outlook**, v. 72, n. 2, 2024.



FERNANDEZ, Felipe et al. Integrating social impact: a model for assessing Brazilian graduate programs aligned with sustainable development goals. **International Journal of Sustainability in Higher Education**, v. 26, n. 1, 2025.

LIU, Ting et al. Public health education using social learning theory: a systematic scoping review. **BMC Public Health**, v. 24, n. 1123, 2024.

MARTÍNEZ VALDIVIA, Estefanía et al. Active methodologies and curricular sustainability in teacher training. **International Journal of Sustainability in Higher Education**, v. 24, n. 7, 2023.

MUKUL, Esin et al. Digital transformation in education: A systematic review of education 4.0. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 196, n. 122013, 2023.

PLESSAS, A. et al. The impact of community engaged healthcare education on undergraduate students' empathy and their views towards social accountability: a mixed methods systematic review. **BMC Medical Education**, v. 24, n. 451, 2024.

POPOVA, Evguenia S. et al. The Art of Transformative Learning: Facilitating Deep Listening in Healthcare Education. **Journal of Museum Education**, v. 50, n. 1, 2025.

SHAHZAD, Muhammad Farrukh et al. Artificial intelligence and social media on academic performance and mental well-being: Student perceptions of positive impact in the age of smart learning. **Heliyon**, v. 10, n. 5, 2024.

SOILIS, Niki et al. PEARLS debriefing for social justice and equity: integrating health advocacy in simulation-based education. **Advances in Simulation**, v. 9, n. 15, 2024.

